



DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
COLEGIADO DA GRADUAÇÃO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE FILOSOFIA

A Filosofia Através da Janela

Minicurso de Filosofia em Julho e Agosto de 2020

EMENTAS

Minicurso
**A tolerância no início da Modernidade: a “Carta sobre a Tolerância”
de John Locke**

Prof.: Flavio Fontenelle Loque (Universidade Federal de Itajubá)
Profa.: Roberta Miquelanti (mediadora)

Período: 11, 18 e 25/08
Horário: 14 às 16h

1. EMENTA

O objetivo do minicurso é (i) oferecer uma introdução ao debate sobre a tolerância no início da Modernidade e (ii) analisar em detalhe a argumentação de John Locke na “Carta sobre a Tolerância”.

2. JUSTIFICATIVA

O minicurso se justifica pela importância do tema do ponto de vista (i) da história da filosofia na Modernidade e (ii) dos debates contemporâneos sobre a laicidade do Estado e o fanatismo religioso.

3. CONTEÚDO

- 3.1 Contextualização do debate sobre a tolerância no início da Modernidade
- 3.2 A argumentação dos intolerantes
- 3.3 Aspectos gerais do conceito de tolerância
- 3.4 A obra e a vida de Locke
- 3.5 A argumentação da “Carta sobre a Tolerância”

4. REFERÊNCIAS

4.1 Referências bibliográficas de leitura obrigatória

LOCKE, J. *Carta sobre a Tolerância* Tradução Fábio Fortes e Wellington Ferreira Lima. Organização, introdução, revisão técnica, notas e comentários Flavio Fontenelle Loque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

4.2 Referências bibliográficas complementares

GOLDIE, M. The theory of Religious Intolerance in Restoration England In: GRELL, O. P., ISRAEL, J. I., TYACHE, N. (Ed.) *From Persecution to Toleration: The Glorious Revolution and Religion in England* Oxford: Clarendon University Press, 1991. pp. 331-368

JOLLEY, N. *Toleration & Understanding in Locke* Oxford: Oxford University Press, 2016.

- LECLER, J. *Histoire de la tolérance au siècle de la Réforme* Paris: Albin Michel, 1994.
- LOCKE, J. *Ensaio sobre o Entendimento Humano* Tr. P. P. G. Pimenta São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2012.
- _____. *Dois tratados sobre o governo* 2^a ed. Tr. J. Fischer São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *John Locke: Ensaaios Políticos* Tr. E. Ostrensky São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- TATE, J. W. *Liberty, Toleration and Equality: John Locke, Jonas Proast and the Letters concerning Toleration* New York: Routledge, 2016.
- VERNON, R. *The Career of Toleration – John Locke, Jonas Proast and after* Montreal: McGill Queen's University Press, 1997.
- WALDRON, J. Locke: toleration and the rationality of persecution In: MENDUS, S. (Ed.) *Justifying toleration: conceptual and historical perspectives* Cambridge: Cambridge University Press, 1988. pp. 61-86
- ZAGORIN, P. *How the Idea of Religious Toleration came to the West* Princeton: Princeton University Press, 2003.
- SILVA, S. H. S. *Tolerância Civil e Religiosa em John Locke* São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

4.3 Referências digitais

- FORST, Rainer, "Toleration", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2017 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/toleration/>>.

Minicurso:
As Experiências de Foucault: os aphrodísia, a carne, a sexualidade

Prof. Malcom Rodrigues (UEFS)

Período: de 11 a 13/08

Horário: 14 às 16h

1. EMENTA

Analisar a passagem entre a experiência da carne e a da sexualidade, em direção à noção de instinto. O objetivo é uma exposição didática e interrogadora da história e da patologização da sexualidade, tal como analisada por Foucault no curso *Os anormais*, a partir da noção de experiência da carne apresentada em *As confissões da carne*. Trata-se de apresentar algumas das bases das condições em que Foucault propõe a sexualidade como dispositivo, no advento do Biopoder, considerando a centralidade da noção de instinto na apropriação moderna médico-jurídica das formas pastorais de controle e gestão da vida. O público alvo é composto tanto por discentes pouco familiarizados com a *História da sexualidade* quanto por pesquisadoras(es) da obra foucaultiana.

2. CONTEÚDO

2.1. Introdução

Introdução, apresentação das referências, resumo do curso

As experiências de Foucault: os aphrodísia, a carne e a sexualidade

A história da sexualidade: do paganismo ao cristianismo e do cristianismo à modernidade

2.2 Da carne à sexualidade

Tertuliano, Cassiano, disciplina penitencial e ascese monástica

Conhecimento e transformação de si, anulação do mal e manifestação da verdade

A libido, o sujeito do desejo e a sexualidade encarnada

2.3. Os instintos e a patologização da sexualidade

Do poder pastoral ao Biopoder

A produção do indivíduo perigoso

A carne, o instinto e a patologização da sexualidade

3. REFERÊNCIAS

3.1 Referências bibliográficas de leitura obrigatória

RODRIGUES, M. G. A experiência da carne na genealogia foucaultiana da subjetividade. In: *Síntese*, v. 47, n. 147, jan./abr. 2020, p. 123-146.

FOUCAULT, M. Aula de 05 de fevereiro de 1975. In: _____. *Os anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 137-172.

FOUCAULT, M. Aula de 19 de fevereiro de 1975. In: _____. *Os anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 211-254.

FOUCAULT, M. Sexualidade e poder. In: _____. *Ditos & Escritos, vol. V. Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 56-76.

3.2 Referências bibliográficas complementares

FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité 4. Les aveux de la chair*. Paris: Gallimard, 2018.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1. A vontade de saber*. Trad. Maria T. C. Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. *Os anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Minicurso

Breve Introdução à Dialética de Hegel

Prof. Vinícius dos Santos

Período: 03, 05, 10 e 12/08

Horário: 10 às 12h

1. EMENTA

O minicurso visa apresentar as principais linhas de força do pensamento de Hegel, valendo-se para isso, sobretudo, de uma exploração detida da Introdução da *Fenomenologia do Espírito*, bem como de alguns parágrafos selecionados do Prefácio da mesma obra. Espera-se, com esse estudo preliminar, que o estudante possa adquirir as ferramentas basilares para trafegar no texto hegeliano, compreendendo alguns princípios fundantes da lógica dialética.

2. CONTEÚDO

- 1ª aula: O programa da *Fenomenologia do Espírito* e sua inserção no contexto do idealismo alemão
- 2ª aula: A formação da consciência para a ciência: Razão e experiência
- 3ª aula: Negação determinada, mediação, totalidade: o cerne da lógica dialética
- 4ª aula: O horizonte do saber absoluto e o conceito de Espírito

3. REFERÊNCIAS

3.1 Referências bibliográficas de leitura obrigatória

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. (Introdução e prefácio). Trad. Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 4ª edição. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

3.2 Referências bibliográficas complementares

CHIEREGHIN, Franco. *Introdução à leitura de Fenomenologia do espírito de Hegel*. Trad. Abílio Queirós. Lisboa: Edições 70, 1998.

HEGEL, Georg W. F. *Ciência da lógica – 1. A doutrina do Ser*. Trad. Christian Iber et al. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

HEGEL, Georg W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830). Volume I – A ciência da lógica*. 3ª edição. Trad. Paulo Meneses, com colaboração do Pe. José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MENESES, Paulo. *Abordagens hegelianas*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

MENESES, Paulo. *Para ler a Fenomenologia do espírito – roteiro*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

NÓBREGA, Francisco Pereira. *Compreender Hegel*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIEIRA, Leonardo Alves & SILVA, Manuel Moreira da (org.). *Interpretações da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

3.3 Referências digitais (sites, vídeos, plataformas etc.)

<http://ojs.hegelbrasil.org/index.php/reh/index>

Minicurso

Descartes segundo a desordem das razões

Prof.: Abel Lassalle Casanave

Período: 03 a 08/08

Horário: 16 às 17:30

1. EMENTA

Ao início de sua obra *Princípios de filosofia*, Descartes convida a percorrê-la primeiro toda inteira como um romance, sem forçar muito a atenção, nem se deter nas dificuldades que se possam encontrar, para depois, se houver curiosidade em saber mais, voltar sobre essas dificuldades, cuja solução, segundo o autor, se encontrará com novas leituras. Convido neste minicurso a seguir o mesmo sábio e filosoficamente profundo procedimento, só que em relação com as *Meditações metafísicas*. Nos encontros previstos, privilegiar-se-á a compreensão da trama da obra e seu desfecho, salientando o papel que cumprem nela os sucessivos episódios em desmedro da sua análise detalhada. Além disso, fornecer-se-á informação contextual (histórica, literária, científica, de outras obras do autor) como subsídio para uma melhor compreensão da obra, chamando inclusive a atenção sobre a recepção ulterior de suas teses por parte *de outros grandes filósofos*. Em ambos os casos, obviamente, sem pretensão de exaustividade.

2. METODOLOGIA

Durante os seis encontros dedicados a cada uma das seis meditações, a aula adotará uma forma que chamarei de *Observações*. A proposta supõe por parte dos participantes do minicurso a leitura de cada meditação antes do encontro, já a partir do primeiro. Mesmo para os participantes que já tenham lido total ou parcialmente a obra, se sugere que antes do encontro também releiam a meditação correspondente. Acrescente-se que o cronograma de dias consecutivos a partir de segunda-feira, assim como o horário, não são em absoluto alheios ao espírito da proposta do minicurso.

3. CONTEÚDO

- a) Observações sobre a Primeira Meditação
- b) Observações sobre a Segunda Meditação
- c) Observações sobre a Terceira Meditação
- d) Observações sobre a Quarta Meditação
- e) Observações sobre a Quinta Meditação
- f) Observações sobre a Sexta Meditação

5. REFERÊNCIAS

5.1 Referências bibliográficas primárias:

Descartes. *Meditações metafísicas*. São Paulo, Abril: Coleção *Os pensadores*, 1973.

5.2 Referências bibliográficas complementares: Serão indicadas no percurso.

Minicurso

Retórica e conhecimento histórico

Prof. Abel Lassalle Casanave

Período: de 03 a 08/08

Horário: 16 às 17:30

1. EMENTA

Nada pareceria mais dissimile que conceber a história em termos de uma ciência que forneceria (esboços) de explicações nomológico-dedutivas, como Carl Hempel em artigo de 1946, e concebê-la como a produção de textos auto-referenciais, como Hayden White em seu livro *Metahistória* de 1973. Neste minicurso eu gostaria de considerar as respostas de dois renomados historiadores a cada uma dessas teses, a de Paul Veyne (a Hempel) em *Como se escreve a história* de 1971, e a de Carlo Guinzburg (a White) em *Relações de força* de 2000. Apesar da distância temporal entre uma e outra resposta a teses conceitualmente tão afastadas uma da outra, elas têm algo em comum: tanto Veyne (implicitamente) como Guinzburg (explicitamente) revisitam a *Retórica* de Aristóteles sob a perspectiva das noções de audiência, entimema e prova.

2. CONTEÚDO

- g) História e explicação nomológica-dedutiva: C. Hempel.
- h) A réplica de Paul Veyne: causalidade e retrodição.
- i) História e texto auto-referencial: Hayden White
- j) A réplica de Guinzburg: entimema e prova.

3. REFERÊNCIAS

3.1 Referências bibliográficas primárias

Hempel, C. G. 1995. “A função das leis gerais em História”. In: Gardiner, P. (org.): *Teorias da história*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 421-435.

Guinzburg, C. 2002. *Relações de força. História, Retórica, Prova*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 47-63.

Veyne, P. 1982. *Como se escreve a história*. 2ª ed. Brasília: Edunb, p. 73-88.

White, H. 2011. “Pluralismo histórico y pantextualismo”. In: White, H.: *La ficción de la narrativa. Ensayos sobre historia, literatura y teoría 1957-2007*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, p. 393-414.

3.2 Referências bibliográficas complementares

A serem indicadas durante o minicurso.

Minicurso
Epistemologia Contemporânea (1):
Ética da crença em tempos de pós-verdade

Prof. Felipe Rocha L. Santos

Período: 15, 22, 29/07 e 05/08

1. EMENTA

A Epistemologia em geral investiga sobre quais são as propriedades que uma crença deve ter para ser considerada Conhecimento. Assim como também investiga sobre as justificativas que garantem que uma crença seja verdadeira ou racional. Neste minicurso, a investigação se concentrará em questões normativas e éticas sobre a crença: Quais são as normas que regem a formação, manutenção e compartilhamento de crenças e de conhecimento? Somente devemos crer em algo se tivermos evidências suficientes? O que devemos fazer quando as evidências não suportam crer em algo, mas também não suportam não crer? Com base nesta investigação, buscaremos voltar nossos olhos para os exemplos atuais de desinformação, desinteresse pela verificação de fatos e do fenômeno das chamadas *fake news* para buscar uma avaliação epistêmica mais acertada destes fenômenos e atribuir adequadamente responsabilidade ou culpa epistêmica para os agentes envolvidos.

2. CONTEÚDO

- a) Epistemologia e Ética da Crença;
- b) Ética da Crença: Clifford e James;
- c) Ética da crença revisitada. Diferentes formas de se entender a relação entre responsabilidade epistêmica e responsabilidade moral;
- d) Vícios Intelectuais;
- e) Estudo de Casos: *Fake News*, Desinformação e Redes Sociais. O que fazemos epistemicamente quando compartilhamos algo nas redes sociais? Quem compartilha notícias falsas pelas redes sociais tem culpa epistêmica e/ou moral?

6. Referências Bibliográficas

CASSAM, Quassim. Descaso Epistêmico. 2018. Disponível em: <https://criticanarede.com/descaso.html>. Acesso em: 04 jul. 2020.

CASSAM, Quassim. **Vices of the Mind**: from the intellectual to the political. Oxford: Oxford University Press. 2019.

CLIFFORD, William. A ética Da Crença. In MURCHO, D. (ed.). **A Ética da Crença**. Lisboa: Editora Bizâncio. 2010.

FRANKFURT, Harry. **Sobre Falar Merda**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2005.

HAACK, Susan. 'The Ethics of Belief' Reconsidered. In STEUP, Matthias (ed). **Knowledge, Truth, and Duty**. Oxford: Oxford University Press. 2001.

JAMES, W. A vontade de acreditar, *In* MURCHO, D. (ed.). **A Ética da Crença**. Lisboa: Editora Bizâncio. 2010.

KIDD, I. J.; MEDINA, J.; POHLHAUS, G. **The Routledge Handbook of Epistemic Injustice**. New York: Routledge. 2017.

MATTHESON, Jonathan; VITZ, Rico. **The Ethics of Belief**. Oxford: Oxford University Press. 2014.

PEELS, Rik. **Perspectives on Ignorance from Moral and Social Philosophy**. New York: Routledge. 2017.

STEUP, Matthias (ed). **Knowledge, Truth, and Duty**. Oxford: Oxford University Press. 2001.

Minicurso
Epistemologia Contemporânea (2):
Injustiças epistêmicas

Prof.: Breno Ricardo Guimarães Santos (UFMT)

Período: 23, 30/07 e 05/08

Horário: 10:30 às 12h

1. EMENTA

A natureza política da epistemologia; Injustiças epistêmicas: injustiças testemunhais, injustiças hermenêuticas, poder social, poder identitário; Virtudes intelectuais antipreconceituosas; A contribuição das injustiças epistêmicas para uma epistemologia aplicada. Nesse curso, iremos explorar o conceito de injustiça epistêmica, como desenvolvido por Miranda Fricker (2007). Após discutirmos os aspectos políticos e sociais da epistemologia, trilharemos o caminho argumentativo proposto por Fricker para discutir a natureza das exclusões epistêmicas presentes na nossa troca de conhecimento cotidiana. Investigaremos as soluções propostas pela autora para tais exclusões. E, por fim, lançaremos um olhar para a importância desse debate no desenvolvimento de uma epistemologia aplicada.

2. CONTEÚDO

- (a) Epistemologias políticas
- (b) Injustiças epistêmicas
 - (b.1) Poder social
 - (b.2) Poder identitário
 - (b.3) Injustiça testemunhal
 - (b.4) Injustiça hermenêutica
- (c) Outros tipos de injustiças epistêmicas
- (d) Virtudes intelectuais
 - (d.1) Justiça epistêmica
- (e) Epistemologia aplicada

3. REFERÊNCIAS

3.1 Referências bibliográficas de leitura obrigatória:

FRICKER, Miranda. **Epistemic injustice: Power and the ethics of knowing**. Oxford University Press, 2007.

(Versão em espanhol: FRICKER, Miranda. **Injusticia epistêmica**. Herder Editorial, 2017.)

3.2 Referências bibliográficas complementares:

DOTSON, Kristie. Conceptualizing epistemic oppression. **Social Epistemology**, v. 28, n. 2, p. 115-138, 2014.

FRICKER, Miranda. Rational authority and social power: Towards a truly social epistemology. In: **Proceedings of the Aristotelian Society**. Aristotelian Society, 1998. p. 159-177.

FRICKER, Miranda. Epistemic oppression and epistemic privilege. **Canadian Journal of Philosophy**, v. 29, n. sup1, p. 191-210, 1999.

FRICKER, Miranda. Epistemic justice and a role for virtue in the politics of knowing. **Metaphilosophy**, v. 34, n. 1-2, p. 154-173, 2003.

MAITRA, Ishani. The nature of epistemic injustice. **Analytic Philosophy**, v. 51, n. 4, p. 195-211, 2010.

MCGLYNN, Aidan. Epistemic objectification as the primary harm of testimonial injustice. **Episteme**, p. 1-17, 2019.

MCGLYNN, Aidan. Testimonial Injustice, Pornography, and Silencing. **Analytic Philosophy** Vol. 0 No. 0 February 2019 pp. 1-13

MEDINA, José. The relevance of credibility excess in a proportional view of epistemic injustice: Differential epistemic authority and the social imaginary. **Social Epistemology**, v. 25, n. 1, p. 15-35, 2011.

Minicurso

Enativismo: Filosofia e ciência da mente

Prof.: Giovanni Rolla

Período: 04, 11, 18 e 25/08

Horário: 10:30 às 12h

1. EMENTA

Enativismo é uma vertente da tradição de pesquisa em cognição corporificada segundo a qual o modo como um organismo atua no seu meio constitui seus estados cognitivos. Essa concepção essencialmente pragmatista da mente ganhou força nas décadas finais do século XX através de desenvolvimentos interdisciplinares nas ciências cognitivas, abrangendo áreas como filosofia, psicologia cognitiva, biologia, linguística e inteligência artificial. Neste curso, são apresentadas de modo acessível as variedades de enativismo, suas características gerais e suas perspectivas teóricas e empíricas, bem como problemas e limitações que ameaçam o futuro do enativismo.

2. JUSTIFICATIVA

As ciências cognitivas são um ramo relativamente recente de investigação sobre a mente e suas operações. Por maior parte da sua história, o paradigma dominante nas ciências cognitivas supunha que a mente é um computador que interpreta estímulos através da composição de regras internas. Essa ideia foi profundamente ameaçada com a chamada *guinada pragmática* nas ciências cognitivas, que partiu de descobertas independentes a respeito das limitações do antigo paradigma. Essa mudança deu origem a uma nova tradição de pesquisa chamada *cognição corporificada*, segundo a qual o corpo não é meramente um veículo causal para a recepção de estímulos, mas constitutivo da cognição. Nessa nova tradição, o enativismo surge como a ideia de que a ação de um organismo no seu ambiente é constitutiva de certos estados cognitivos.

O minicurso tem como foco o enativismo e suas subdivisões, explorando os avanços filosóficos e científicos fornecidos pelo reconhecimento de que a ação é essencial à cognição. O objetivo é discutir o estado da arte de uma das mais prolíficas vertentes das ciências cognitivas.

3. CONTEÚDO

1. Os antigos paradigmas das ciências cognitivas e a guinada pragmática
 - 1.1. Computacionalismo, representacionalismo e as suas limitações
 - 1.2. Ação e corporificação na cognição
2. Variedades de enativismo
 - 2.1. Enativismo autopoietico
 - 2.2. Enativismo sensoriomotor
 - 2.3. Enativismo radical
3. Enativismo e Psicologia Ecológica: convergências ou divergências?
 - 3.1. Psicologia ecológica: princípios e aplicações
 - 3.2. Diferentes noções de informação
 - 3.3. Uma estratégia unificada

4. O desafio da cognição “superior” para o panorama enativo-ecológico
 - 4.1. O problema da lacuna explanatória
 - 4.2. Escalonamento ascendente ou descendente?
 - 4.3. Pluralismo explanatório?

4. REFERÊNCIAS (leituras disponíveis [aqui](#))

4.1 Referências bibliográficas de leitura obrigatória

- Rolla, G. (2018). Enativismo radical: exposição, desafios e perspectivas. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, 25(46), 29.
- Carvalho, E. de. (no prelo). Sintonizando com o mundo: uma abordagem ecológica das habilidades sensoriomotoras. In G. Rolla & G. Albuquerque (Eds.), *Ciência e Conhecimento*. Teresina: EDUFPI.
- Carvalho, E. de, & Rolla, G. (2020). O desafio da integração explanatória para o enativismo: escalonamento ascendente ou descendente? *Prometeus*, (33), 161–181.
- Silva, M., Cavalcanti, I., & Mota, H. (2020). Linguagem e Enativismo: uma resposta normativa para a objeção de escopo e o problema difícil do conteúdo. *Prometeus*, (33), 129–160.

4.2 Referências bibliográficas complementares

- Bruineberg, J., Chemero, A., & Rietveld, E. (2019). General ecological information supports engagement with affordances for ‘higher’ cognition. *Synthese*, 196(12), 5231–5251.
- Carvalho, E. M. de, & Rolla, G. (2020). An Enactive-Ecological Approach to Information and Uncertainty. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00588>
- Chemero, A. (2009). *Radical Embodied Cognitive Science*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Chemero, A. (2013). Radical Embodied Cognitive Science. *Review of General Psychology*, 17(2), 145–150.
- Di Paolo, E., Burhmann, T., & Barandiaran, X. (2017). *Sensorimotor Life: an Enactive Proposal*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- Gallagher, S. (2017). *Enactivist Interventions: Rethinking the Mind* (Vol. 1). Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198794325.001.0001>
- Heras-Escribano, M. (2019). Pragmatism, enactivism, and ecological psychology: towards a unified approach to post-cognitivism. *Synthese*. <https://doi.org/10.1007/s11229-019-02111-1>
- Hutto, D. D., & Myin, E. (2013). *Radicalizing Enactivism: Basic Minds without Content*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Hutto, D. D., & Myin, E. (2017). *Evolving Enactivism: Basic Minds Meet Content*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Hutto, D. D., & Satne, G. (2015). The Natural Origins of Content. *Philosophia*, 43(3), 521–536.

- Moyal-Sharrock, D. (2019). From deed to word: gapless and kink-free enactivism. *Synthese*.
- Noë, A. (2004). *Action in Perception*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Noë, A. (2012). *Varieties of Presence*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- O'Regan, J. K., & Noë, A. (2001). A sensorimotor account of vision and visual consciousness. *Behavioral and Brain Sciences*, 24(05), 939–973.
- Rolla, G. (2018). Radically Enactive High Cognition. *Dissertatio*, 47, 26–41.
- Rolla, G. (2019). Reconceiving rationality: situating rationality into radically enactive cognition. *Synthese*, (Special Issue Radical Views on Cognition), 1–20.
- Shapiro, L. (2011). *Embodied Cognition*. London: Routledge.

Minicurso

Filósofxs em quarentena

Profa.: Juliana Aggio
Profa.: Giovana Temple

Período: 27/07, 03, 10, 17 e 24/08
Horário: 16 às 18h

1. EMENTA:

A pergunta central do minicurso é: qual o papel da filosofia para compreender os desafios que a atual pandemia do covid-19 nos coloca? Ademais, como a filosofia poderia nos ajudar a projetar um mundo pós-pandemia? Como fazer projeções das mudanças que estão por vir? A proposta é a de recolher as análises já feitas por filósofos, como Agamben, Zizêk, e Preciado e filósofas, como Butler, Klein e Davis, e colocar essas diversas análises em debate a partir do olhar crítico próprio da atividade filosófica.

2. CONTEÚDO

- (i) Biopolítica e pandemia: diálogos com Michel Foucault (Giovana Temple, dia 27/07)
- (ii) A polêmica invenção da pandemia: Agamben, Yara Frateschi e Carla Rodrigues (Juliana Aggio, dia 03/08)
- (iii) Pandemia e vida precária: Butler, Preciado e Foucault (Giovana, dia 10/08)
- (iv) Angela Davis e Naomi Klein: racismo e pandemia (Juliana e Giovana dia 17/08)
- (v) Zizêk e o mundo pós-pandemia: será o fim do capitalismo? (Juliana, dia 24/08)

3. REFERÊNCIAS

3.1 Referências bibliográficas de leitura obrigatória

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

PRECIADO. Paul B. *Testo junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018, pp. 17-712.

3.2 Referências bibliográficas complementares

FOUCAULT, M. O corpo utópico. In: O corpo utópico, as heterotopias. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TEMPLE. Giovana C. Foucault e o racismo biológico e estatal. Disponível em: <http://www.paralaje.cl/wp-content/uploads/2014/12/5TEXTO-17D-Temple.pdf>

6.3 Referências digitais

AGAMBEN, G. Réquiem para os estudantes. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/082>

AGAMBEN, G. A invenção da pandemia. Disponível em: <https://medium.com/@sarawagneryork/a-inven%C3%A7%C3%A3o-de-uma-epidemia-d4a15dbf9f14>

DAVIS, A. e KLEIN, N. Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mIwEP5pXcSg>

DEFERT, Daniel. Foucault: os últimos dias. Disponível em: <https://n1edicoes.org/049>

BUTLER, J. Vida precária. Disponível em: <http://www.rogerioa.com/resources/Diversidade/12repres.pdf>

BUTLER, Judith. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica. 189 pp.

BUTLER, Judith. O capitalismo tem seus limites. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2020/03/judith-butler-sobre-a-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>

FRATESCHI, Yara. Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/12/agamben-sendo-agamben-o-filosofo-e-a-invencao-da-pandemia/?fbclid=IwAR2GPyYQXIWMIX8Dk5s7laiC6FXinBe3rAJV87lx9BcrqUpl2vTPh53rQs>

FRATESCHI, Yara. Essencialismos filosóficos e ditadura do corona: sobre Agamben mais uma vez. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/29/essencialismos-filosoficos-e-ditadura-do-corona-sobre-giorgio-agamben-mais-uma-vez/>

LORENZINI, Daniele. Biopolítica nos tempos do coronavírus. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598029-biopolitica-nos-tempos-do-coronavirus-artigo-de-daniele-lorenzini>

NANCY, J. L. Communovirus. Disponível em: <https://www.versobooks.com/blogs/4626-communovirus>

PRECIADO, Paul B. A conspiração dos perdedores. Paul B. Preciado sobre a vida depois da COVID-19. Disponível em: <https://medium.com/@sarawagneryork/a-conspiração-dos-perdedores-babd1f6b4c10>

PRECIADO, Paul B. Aprendendo com o vírus. Disponível em: <https://medium.com/@sarawagneryork/aprendendo-com-v%C3%ADrus-6ba9dbbcf322>

RODRIGUES, Carla. Agamben sendo Agamben: por que não? Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/16/agamben-sendo-agamben-por-que-nao/?fbclid=IwAR2e7qnc2wEuoNwaaRJ_c15QxIhKf4cODIA-SQiqvMOj465PP9gptbrPjA

ZIZEK, Slavoj. Coronavírus, racismo e histeria. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/zizek-coronavirus-racismo-e-histeria/>

ZIZEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do viral! Coronavírus e a reinvenção do comunismo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/12/zizek-bem-vindo-ao-deserto-do-viral-coronavirus-e-a-reinvencao-do-comunismo/>

Minicurso

Ler Descartes: a Primeira Meditação e suas questões

Profa: Mariana de Almeida Campos

Período 14, 21 e 28/08

Horário: 15:30 às 17:30

1. EMENTA

O objetivo do curso é ler de maneira detalhada e sistemática a Primeira Meditação das *Meditações Metafísicas* de Descartes. Temas centrais da filosofia cartesiana serão discutidos durante o curso, na medida em que sirvam para esclarecer a argumentação da Primeira Meditação. Tais temas incluem, por exemplo, as noções de ordem, método, certeza, dúvida, clareza e distinção, bem como a natureza, a função e a relação entre sensação, imaginação e razão no processo cognitivo.

2. CONTEÚDO

- Ordem das razões e método.
- Razões de duvidar dos sentidos.
- Os argumentos da loucura, do sonho e da imaginação dos pintores.
- A hipótese do Deus enganador e a ficção do gênio maligno.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

3.1 Leitura obrigatória

DESCARTES. *Meditações. Objeções e Respostas. Cartas*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova cultural, 1988. Os pensadores. Volume II.

DESCARTES. *Meditações sobre Filosofia Primeira. Descartes*. Edição em latim e em português. Tradução, nota prévia e revisão Fausto Castilho. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

GUEROULT, Martial. *Descartes segundo a ordem das razões*. Tradução de Érico Andrade (coordenador), Enéias Forlin, Marisa Donatelli, César Battisti e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016. p. 1-35.

ROCHA, Ethel Menezes. Descartes. In: *Os filósofos – Clássicos da Filosofia*. Org. Rossano Pecoraro. Rio de Janeiro: Vozes e Editora PUC - RIO, 2008. Volume 1. p. 213-237.

ROCHA, Ethel Menezes. Observações sobre a dúvida cartesiana. *O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro. v. 1, n. 28, p. 5-24, dez, 2010.

3.2 Referências bibliográficas complementares

ALQUIÉ, F. *La découverte métaphysique de l'homme chez Descartes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

- BEYSSADE, Jean-Marie. *Études sur Descartes*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- BEYSSADE, Jean-Marie. *La philosophie première de Descartes*. France: Flammarion, 1979.
- BOUCHILLOUX, Hélène. *L'ordre de la pensée. Lecture des Méditations métaphysiques de Descartes*. Paris: Hermann Éditeurs, 2011.
- COTTINGHAM, John. *A filosofia de Descartes*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. Tradução Guido Antonio de Almeida (coordenador), Raul Landim Filho, Ethel Menezes Rocha, Marcos André Gleizer, Ulysses Pinheiro. Edição Bilingue Latim / Português. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- DESCARTES, René. *Œuvres de Descartes*. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996. 11 v.
- DESCARTES, René. *The Philosophical Writings of Descartes*. Translated by John Cottingham, Robert Stoothoff, and Dugald Murdoch. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 3 v.
- DESCARTES, René. *Méditations métaphysiques*. Texte latin accompagné de la traduction du Duc de Luynes; présentation et traduction de Michelle Beyssade. Paris: Le Livre de Poche, 1990. Classiques de la philosophie.
- FILHO, Edgar José Jorge. Sobre a Primeira Meditação Metafísica, de Descartes. *O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro. v. 23, n. 34, p. 291-314, mar, 2014.
- FRANKFURT, H. G. *Demons, Dreamers, and Madmen: The Defense of Reason in Descartes's Meditations*. Nova York: The Bobbs-Merrill Co, 1970.
- GUENANCIA, Pierre. *Lire Descartes*. Paris: Gallimard, 2000.
- GUENANCIA, Pierre. *L'intelligence du sensible. Essai sur le dualisme cartésien*. Paris: Gallimard, 1998.
- LANDIM FILHO, Raul Ferreira. *Evidência e Verdade no Sistema Cartesiano*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LAPORTE, Jean. *Le Rationalisme de Descartes*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- ROCHA, Ethel Menezes. Conhecimento matemático na Primeira meditação de Descartes. In: *Caminhos da razão. Estudos em homenagem a Guido Antônio de Almeida e Raul Ferreira Landim Filho*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2019. p. 63-88.
- ROCHA, Ethel Menezes. *Indiferença de Deus e mundo dos humanos segundo Descartes*. Curitiba: Kotter Editorial, 2016.
- SCRIBANO, Emanuela. *Guia para leitura das Meditações metafísicas de Descartes*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- WILSON, Margaret Dauber. *Descartes*. London: Routledge & Kegan Paul, 1978.

Minicurso

O julgar político

Prof.: Daniel Tourinho Peres
Profa.: Renata Nagamine

Período: 14, 21 e 28/08
Horário: 10 às 11:30

1. EMENTA

Este minicurso pretende abordar a faculdade do julgar em relação à política, com base em ideias de Immanuel Kant e Hannah Arendt sobre política e o juízo. o direito a ter direitos.

2. JUSTIFICATIVA

A abordagem é pertinente porque Kant e Arendt pensaram a dimensão dialógico-discursiva da política e constituíram o seu pensamento político explorando a tensão entre o universal e o particular, o necessário e o contingente. Essa tensão se evidencia, no pensamento de Kant, no modo como pensa a experiência da Revolução Francesa e também no trato do cosmopolitismo; no pensamento de Arendt, a tensão aparece em sua reflexão sobre

Nossa proposta é pensar especificamente a centralidade que a reflexão sobre o juízo adquire no pensamento político e sua dimensão crítica. Em ambos os autores, o pensamento político abandona a segurança dos conceitos determinados e princípios determinantes do Direito Natural para se lançar em uma reflexão que Hannah Arendt irá chamar de "pensar sem corrimão". Afinal, o juízo é uma atividade, a atividade de julgar, isto é, uma prática, ou, se quiserem, uma arte, uma arte que consiste, antes de tudo, em desenhar e redesenhar conceitos, em traçar e retraçar limites, o que significa que conceitos e limites estão sempre em questão, ou melhor, em disputa.

3. CONTEÚDO

- A. Juízos e conceitos políticos no direito natural
- B. A experiência da Revolução Francesa
- C. Juízo Político e Juízo Estético
- D. Julgar sem regras: a experiência política

4. REFERÊNCIAS

4.1 Referências bibliográficas de leitura obrigatória

Arendt, H. *A condição humana*, Rio de Janeiro, Forense, 2016.

_____, *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, S/D

_____, *Thinking without a banister – essays in understanding 1953-1974*, Nova York, Shocken Books, 2018

Kant, I. *A Paz Perpétua e outros escritos*, Lisboa, Ed. 70, s/d

Minicurso

Percepção e Imaginação: conceitos e problemas

Profa: Sílvia Faustino de Assis Saes

Período: 17, 24 e 31/08

Horário: 15 às 16:30

1. EMENTA

O minicurso se propõe como uma introdução geral aos conceitos de “percepção” e de “imaginação”, explorando os problemas filosóficos que os envolve em diferentes períodos da história da filosofia.

2. CONTEÚDO

- A. O conceito de “percepção”
- B. O conceito de “imaginação”
- C. Relações conceituais entre “percepção” e “imaginação” em distintos paradigmas filosóficos

3. REFERÊNCIAS

3.1 Referências bibliográficas de leitura obrigatória

SAES, S. F. A. *Percepção e Imaginação*. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

6.2 Referências bibliográficas complementares

Indicarei trechos das obras filosóficas de Aristóteles, Descartes, Hume, Kant, Merleau-Ponty e Wittgenstein.

Mini-Curso **Pragmatismo e Teoria Crítica Hoje: Uma Introdução**

Prof. José Crisóstomo de Souza

Período: 27/07, 03, 10 e 17/08

Horário: 10:30 às 12:30

1. EMENTA:

A Teoria Crítica apresenta hoje um claro cruzamento com outras tradições, e se desenvolve com ele. Com a filosofia analítica e pós-analítica, com o pragmatismo e o neo-pragmatismo, com um hegelianismo pragmático, etc. Mas principalmente com o pragmatismo, como nas posições de Habermas, Honnert e Rahel Jaeggi, envolvendo recepções de Peirce, Mead e Dewey. Trataremos dessa convergência geral, mas a partir de um diálogo com Richard Rorty, aqui também criticamente tomado, mas ao mesmo tempo proposto como uma nova referência para o desenvolvimento do referido debate-cruzamento, e conduzindo aqui à ideia de um outro possível pragmatismo teórico-crítico, histórico, produtivo, não linguístico. Rorty é um pensador pós-metafísico justamente caudatário do pragmatismo e reconciliado com a democracia e os ideais da Modernidade, como a Teoria Crítica agora, com seu novo paradigma de pragmatismo, pós- virada linguística, poderia contribuir singularmente para o referido desenvolvimento a Teoria Crítica, por retomar ao seu modo, ao mesmo tempo, o vocabulário da emancipação e da crítica da reificação, caros a ela, e o do anti-essencialismo e do anti-substancialismo a que a Teoria Crítica agora se adapta.

2. CONTEÚDO:

- A. A reconstrução recente, pragmatizante, da teoria crítica. Apel, Habermas, Honneth, Rahel Jaeggi. E o neo-pragmatismo de Rorty
- B. A transformação do pragmatismo por Richard Rorty. Deweyismo, Hegelianismo, Nietzscheísmo, Wittgenstein.
- C. Uma crítica de rortyana da Teoria Crítica? Uma crítica Frankfurtiana de Rorty?
- D. Um outro desenvolvimento crítico-pragmático possível, como novo paradigma prático-produtivo, materialista.

3. REFERÊNCIA:

Tendo em conta a escassez de material traduzido, sobre esse debate mais recente, basearei o curso em textos principalmente de Rorty, do volume *Filosofia, Racionalidade, Democracia*, José Crisóstomo de Souza (org.), Editora Unesp, 2005. E alguns textos meus, breves, exploratórios, como aqueles apresentados por mim na Coluna Anpof – como preparação inicial. Exploraremos também trechos de Habermas, Honneth e Rahel Jaeggi. Sugerimos ainda alguns vídeos, acessíveis na Internet.

De Rorty: “O que é pragmatismo”; “Para emancipar a nossa cultura”; “Verdade, racionalidade e política democrática”. “Contra Chefões e Oligarcas”

De Habermas: “Um novo tipo de historicismo – e três respostas”; “Algumas observações críticas sobre o neo-pragmatismo (de Rorty)” – Habermas

E mais: Prefácio de Honneth ao *Alienation* de Rahel Jaeggi. Trechos de “Crítica de Formas de Vida”, versão condensada, Rahel Jaeggi. Trechos de Jaeggi sobre Richard Rorty.

Mais: vídeos introdutórios, disponíveis no Youtube.

O material a ser efetivamente utilizado será escolhido entre os acima listados, segundo as características da turma.

Minicurso

Problemas de estética moderna e contemporânea

Profa. Rosa Gabriella de Castro Gonçalves
Prof. Pedro Augusto da Costa Franceschini
Prof. Rafael Lopes Azize

Período: 21, 23, 28 e 30/07, 04 e 06/08
Horário: 14:30 às 16h

1. EMENTA

1.1 *Módulo I (aulas 1 e 2): Profª. Rosa Gabriella de Castro Gonçalves*

Juízo de Gosto em Kant, e reverberações da sua estética na Crítica de arte moderna e teoria da arte contemporânea a partir das recepções de Clement Greenberg e Thierry de Duve.

Neste módulo, serão expostos e discutidos a experiência estética e os juízos de gosto tal como apresentados por Kant na "Analítica do Belo", bem como o problema envolvendo a antinomia dos juízos de gosto, abordado na seção 56 da mesma obra. O objetivo é compreender algumas das concepções da estética kantiana que exerceram maior impacto nas teorias da arte moderna e contemporânea. Em seguida, serão discutidas a maneira como Clement Greenberg se apoiou na concepção kantiana de gosto para questionar a validade da dissolução da arte na vida proposta pela arte contemporânea e a solução dada a este impasse por Thierry de Duve.

1.2 *Módulo II (aulas 3 e 4): Prof. Pedro Augusto da Costa Franceschini*

A questão do “fim” da arte como chave de leitura para a Estética de Hegel, e sua releitura por Arthur Danto.

Neste módulo, serão discutidos alguns aspectos da polêmica – e polissêmica – questão do “fim” da arte, tal como ela pode ser lida a partir dos Cursos de Estética de Hegel. Uma vez que o “fim” da arte diz respeito também à sua finalidade do ponto de vista do espírito, essa discussão permitirá um delineamento geral da conceituação filosófica da arte no interior do pensamento hegeliano. Em seguida, retomaremos o problema hegeliano do fim da arte e a grande fecundidade que oferece para a reflexão de alguns fenômenos estéticos modernos e contemporâneos. Destacando a releitura feita por Arthur Danto, discutiremos o aprofundamento da reflexividade que teria caracterizado a narrativa do Modernismo e sua superação na completa liberdade da arte dita “pós-histórica”, quando se torna manifesta sua natureza essencialmente filosófica em uma pluralidade de linguagens artísticas.

1.3 *Módulo III (aulas 5 e 6): Prof. Rafael Lopes Azize*

Expressão, emoções e experiência estética: algumas perspectivas contemporâneas.

Há diversos modos de caracterizar a especificidade estética do nosso engajamento, atenção, ou valor associado a certos objetos. Podemos, por exemplo, visar processos de imitação, ou representação da realidade; ou podemos nos concentrar em reações a disposições formais de atributos objetivos desses objetos. Outra possibilidade seria relativa ao aspecto do engajamento estético como uma forma de ação no mundo da vida.

Para além de quaisquer asserções que possam fazer, obras de arte comunicariam, ou melhor, exprimiriam certas emoções e atitudes. Para alguns filósofos contemporâneos da estética, é importante atentar para esse aspecto expressivo e emotivo da produção e da recepção de objetos se queremos dar conta adequadamente da experiência estética. É o que veremos nas duas aulas do Módulo III.

2. CONTEÚDO

2.1 Aula 1

- O que são juízos de gosto
- A antinomia dos juízos de gosto
- Juízos de gosto e *sensus communis*

2.2 Aula 2

- A dissolução da arte em vida e a experiência estética.
- O problema do gosto face à arte contemporânea.
- A proposta de uma atualização dos juízos de gosto face à arte contemporânea por Thierry de Duve

2.3 Aula 3

- A aparência sensível da ideia: autonomia e historicidade da arte.
- A dialética das formas de arte.
- Filosofia, reflexão e o carácter passado da arte.

2.4 Aula 4

- Por que o fim da arte não é a morte da arte.
- Arte moderna e o limite da história: Greenberg lido por Danto.
- Arte pós-histórica: filosofia e pluralismo estético.

2.5 Aula 5

- Expressão e emoções.
- A noção de expressão (e seu papel na arte) em R. G. Collingwood
- A noção de emoção (e seu papel na arte) em Jenefer Robinson

2.6 Aula 6

- Distância psíquica e atitude.
- A noção de Distância Psíquica (e seu papel na arte) em Edward Bullough.
- A noção de Atitude Estética (e seu papel na arte) em Jeremy Stolnitz.

3. REFERÊNCIAS

3.1 Módulo I

DE DUVE, Thierry, Kant depois de Duchamp, in **Revista do Mestrado em História da Arte EBA UFRJ**, 1998, p. 125-152.

_____, "Cinco reflexões sobre o juízo estético", in **Revista Porto Alegre**, v. 16, No 27, novembro 2009.

GREENBERG, Clement, **Estética doméstica**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

KANT, Immanuel, Analítica do belo, p. 99-135, Do gosto como uma espécie de sensus communis, p. 190-194 e Dialética da faculdade de julgar estética, p. 234-244, in **Crítica da Faculdade de Julgar**. Petrópolis: Vozes, 2016.

3.2 Módulo II

DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: A arte contemporânea e os limites da história**; trad. Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus; Editora da Universidade de São Paulo, 2006. [Principalmente Capítulos 1 e 2 (pp. 3-43), 6 (pp. 111-127) e 8 (pp. 149-167)].

HEGEL, G. W. F. Introdução e Posição da Arte em relação à Efetividade Finita e à Religião e à Filosofia. In: **Cursos de estética – Volume I**; trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. [Em especial, pp. 29-37, pp. 62-103 e pp. 107-119].

3.3 Módulo III

BULLOUGH, Edward. A “Distância Psíquica” como um factor na arte e um princípio estético. In: MOURA, V. (Coord.) **Arte em teoria**. pp. 75-110.

COLLINGWOOD, R.G. A arte autêntica como expressão. In: MOURA, V. (Coord.) **Arte em teoria**. pp. 39-58.

MOURA, Vítor (Coord.) **Arte em teoria: uma antologia de estética**. Ribeirão: Univ. do Minho / Ed. Húmus, 2009

ROBINSON, Jenefer. As emoções na arte. In: KIVY, Peter (Org.) **Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte**. SP: Paulus, 2008. pp. 223-244.

STOLNITZ, Jeremy. A atitude estética. In: D'OREY, Carmo. (Org.) O que é arte? Tr. V. Silva e D. Murcho. Lisboa: Dinalivro, 2007. pp. 45-60.

Minicurso

Retórica e conhecimento histórico

Prof.: Abel Lassalle Casanave

Período: 10, 11, 17 e 18/08

Horário: 16 às 17:30

1. EMENTA

Nada pareceria mais dissimile que conceber a história em termos de uma ciência que forneceria (esboços) de explicações nomológico-dedutivas, como Carl Hempel em artigo de 1946, e concebê-la como a produção de textos auto-referenciais, como Hayden White em seu livro *Metahistória* de 1973. Neste minicurso eu gostaria de considerar as respostas de dois renomados historiadores a cada uma dessas teses, a de Paul Veyne (a Hempel) em *Como se escreve a história* de 1971, e a de Carlo Guinzburg (a White) em *Relações de força* de 2000. Apesar da distância temporal entre uma e outra resposta a teses conceitualmente tão afastadas uma da outra, elas têm algo em comum: tanto Veyne (implicitamente) como Guinzburg (explicitamente) revisitam a *Retórica* de Aristóteles sob a perspectiva das noções de audiência, entimema e prova.

2. CONTEÚDO

- a) História e explicação nomológica-dedutiva: C. Hempel.
- b) A réplica de Paul Veyne: causalidade e retrodição.
- c) História e texto auto-referencial: Hayden White
- d) A réplica de Guinzburg: entimema e prova.

3. REFERÊNCIAS

3.1 Referências bibliográficas primárias

Hempel, C. G. 1995. "A função das leis gerais em História". In: Gardiner, P. (org.): *Teorias da história*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 421-435.

Guinzburg, C. 2002. *Relações de força. História, Retórica, Prova*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 47-63.

Veyne, P. 1982. *Como se escreve a história*. 2ª ed. Brasília: Edunb, p. 73-88.

White, H. 2011. "Pluralismo histórico y pantextualismo". In: White, H.: *La ficción de la narrativa. Ensayos sobre historia, literatura y teoría 1957-2007*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, p. 393-414.

5.2 Referências bibliográficas complementares

A serem indicadas durante o minicurso.